

A DANÇA URBANA/HIP-HOP NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SEGUNDO A BNCC (2017): UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Yasmin Dolores Lopes – Universidade Estadual de Londrina

Ana Paula Franciosi – Universidade Estadual de Londrina

Resumo

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que está em análise e aprovação, mas, já orienta diversos profissionais no âmbito da educação, uma vez que estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. A partir disso, esta pesquisa baseia-se na análise documental da terceira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017 e na pesquisa bibliográfica sobre Hip-Hop e Educação Física, onde nosso objetivo foi apresentar o movimento cultural do Hip-Hop e como o mesmo pode ser desenvolvido no contexto escolar, segundo as orientações da BNCC. Podemos concluir que a partir da disseminação do movimento cultural do Hip Hop, tornou-se imprescindível inclui-lo enquanto conteúdo a ser ministrado nas aulas de Educação Física. Diante desse contexto, a BNCC (2017) apresenta orientações para o desenvolvimento deste conteúdo, as quais especificamente para a Dança são estruturadas de forma sistematizada e contínua, uma vez que é considerada um dos conteúdos da Educação Física que objetiva a promoção de experiências a fim de possibilitar a compreensão do movimento humano intencional.

Palavras-chave: Hip Hop, Base Nacional Comum Curricular, BNCC, Educação Física Escolar.

Introdução

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017) de acordo com as exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996; 2013), indica direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes para cada etapa da educação básica, respeitada a diversidade regional, estadual e local, considerando os conhecimentos e competências que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade.

Por muito tempo, a Educação Física foi percebida como uma atividade sem intenções pedagógicas, meramente recreativas, porém, a partir da década de 1980 surgiu o Movimento Renovador da Educação Física Brasileira que, entre outras questões e sob a influência das teorias críticas da educação, tentava garantir à Educação Física escolar o status de disciplina

escolar – em contraposição à condição de “mera atividade”, descrita no Decreto nº 69.450, de 1971 (BRACHT; GONZÁLEZ, 2005, p. 153), questionando o paradigma da aptidão física e desportiva que vinha orientando as práticas na área:

o eixo central da crítica que se fez ao chamado paradigma da aptidão física e esportiva foi dado pela análise da função social da educação e da Educação Física em particular, como elementos constituintes de uma sociedade capitalista marcada pela dominação e pelas diferenças (injustas) de classe. Toda a discussão realizada no campo pedagógico sobre o caráter reprodutivista da escola e sobre as possibilidades de sua contribuição para uma transformação radical da sociedade capitalista foi absorvida pela Educação Física.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB no. 9.394/96 estabelece que a Educação Física deva ser integrada a proposta pedagógica da escola, e componente curricular obrigatório da Educação Básica.

Nessa perspectiva, de acordo com a BNCC (2017) a Educação Física, presente na área linguagens nas DCNs desde 2009, é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos e patrimônio cultural da humanidade, em que o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo, compreendendo saberes corporais, experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas, que se inscrevem, mas não se restringem, à racionalidade típica dos saberes científicos que, comumente, orienta as práticas pedagógicas na escola.

Cada uma das práticas corporais tematizadas compõe e define seis unidades temáticas, que nada mais são do que um conjunto de conteúdos temáticos que constituem uma unidade, sendo elas: brincadeiras e jogos, esportes, ginásticas, danças, lutas e práticas corporais de aventura.

Nas aulas de Educação Física, essas práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório, para

assegurar aos alunos a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade (BNCC, 2017. p. 173).

Desse modo, possibilitando aos alunos apropriarem-se dos conhecimentos construídos a partir das aulas de Educação Física, fazendo o uso da cultura corporal de movimento como um meio para não somente vivenciar movimentos diversos, mas refletir e analisar sobre eles, com o objetivo de tornar cidadãos mais críticos e ativos na sociedade.

A partir disso, o objetivo desse estudo é apresentar o movimento cultural do Hip-Hop e como o mesmo pode ser desenvolvido no contexto escolar, segundo as orientações da Base Nacional Comum Curricular (2017). Para isso, a metodologia consistiu na análise documental da BNCC (2017), bem como a pesquisa bibliográfica acerca dos temas: Educação Física e Hip-hop; os quais foram buscados nas bases do Google Scholar e do Scielo, e selecionados artigos, revistas, livros e monografias publicadas a partir dos anos 2000, os quais foram selecionados e analisados, com o intuito de atingir nosso objetivo.

O Movimento Cultural Hip-Hop: A Dança

O Movimento Cultural Hip-Hop surgiu no final da década de 60, sendo um movimento constituído por jovens negros e “hispano-americanos dos guetos pobres do bairro do Bronx” (SOUZA, 2007, p.83). De acordo com Rocha et al., (2001) o conceito de Hip-Hop foi elaborado por Afrika Bambaataa, em 1968, na periferia de Nova Iorque, no Bronx, o qual é considerado como o pioneiro deste movimento, e em 12 de Novembro de 1973, Bambaataa fundou a Zulu Nation, que tinha como lema “Paz, União e Diversão” e desde então tornou-se o dia que é celebrado como o nascimento do Hip-Hop.

Por meio das diferentes manifestações desse movimento, os jovens protestavam de uma maneira original e, dentre elas, destacamos a dança, que tornou-se um elemento popular atualmente e de grande discussão no âmbito escolar.

A dança característica do Hip-Hop é chamada de Dança Urbana ou de “*Street Dance*”, sendo a nomeação criada pelos estadunidenses para identificar e englobar todos os estilos de dança que surgiram nos guetos e nos centros urbanos dos Estados Unidos, como o funk, locking, popping, breaking, hip hop freestyle, house dance, e krump, assim como as suas subdivisões.

Existem algumas hipóteses sobre o surgimento das danças urbanas antes do Movimento Cultural do Hip-Hop tornar-se popular, as quais sugerem que elas se originaram na época da crise econômica dos Estados Unidos, na década de 20 do século XX, quando músicos e bailarinos dos cabarés, desempregados foram para rua fazer seus shows; ou que esse estilo de dança fazia uma alusão aos soldados que voltavam da guerra do Vietnã “quebrados”, fazendo uma crítica social ao expressarem movimentos robóticos que significavam a substituição do homem pelas máquinas e a vertente que afirma a origem das danças urbanas em matrizes negras norte americanas. (COLOMBERO, 2011).

Especificamente no Hip-Hop, onde “hip” mexer e “hop” quadris, traduzido em “mexer os quadris”, a dança urbana tem origem jamaicana na década de 60 do século XX, época em que haviam muitos conflitos civis e políticos. Sendo assim, um jamaicano chamado Kool Herc, foge das lutas civis do país por volta de 68 e 69 para o Bronx nos Estados Unidos, trazendo as *Block Parties*, as populares “festas de quarteirão”, as quais ele costumava pegar o microfone e anunciava o desempenho dos jovens que dançavam nos intervalos da música break, quando tocava o break beat eles entravam nas rodas e executavam as performances, nomeando os dançarinos de B boys e B girls, em que o “B” representava o break.

Break não era uma dança feita á toa, tinha a força do DJ construir aquela batida para eles dançarem. O DJ era o próprio MC (Mestre de Cerimônia) animando a festa, falava com o bboy e a bgirl o movimento que eles estavam realizando e isso dava mais força para a dança ficar popular. (GROOVE, 2011)

Era comum no Bronx e no Brooklyn as chamadas “*crews*”, que significam grupos, gangues, que brigavam por território, as quais além do grafite utilizavam a dança para suas disputas e conquistas, a *crew* que perdesse o desafio também não poderia ocupar determinado lugar, o que pode ser notado na entrevista abaixo:

África Bambaataa, DJ, nascido e criado no Bronx pertenceu a uma das gangues mais temidas, chamada Black Spades” 13 , juntamente com Herc contribue para que “as gangues tirem suas diferenças através da dança, disputas dançantes que ficaram conhecidas como “batalhas de break”, onde um dançarino “quebra” o outro no sentido de dificultar a movimentação nas batalhas dentro das Block Parties.(VALDERRAS e HUNGER, 2007)

Elementos como a improvisação e o humor foram se consolidando nesse estilo de dança, em que o desafio e a provocação também eram utilizados pelos praticantes da dança como uma forma de duelo, uma batalha de movimentos, onde nem sempre havia um vencedor ou a preocupação com que houvesse, mas o interesse era o jogo entre os dançarinos, um jogo de pergunta e resposta em que o movimento é o vocabulário utilizado.

A cultura do Hip-Hop passa ser caracterizada pelo grafite, a dança, o DJ e o MC, em que o rap surge com o significado de ritmo e poesia nas festas, enquanto os DJs mandavam os beats, e os MCs pegavam o microfone para animar as pessoas rimando na batida da música funk, forte e marcada em contato com a terra, por influência das raízes africanas, de forma que os quatro elementos simultaneamente, como se fossem uma coisa só.

A Dança como conteúdo da Educação Física segundo a BNCC (2017)

Não se sabe exatamente quando, como e porque o homem dançou pela primeira vez, mas é fato que, a dança em suas diversas manifestações, está tão ligada a espécie humana que só se extinguirá quando a mesma deixar de existir.

Existem estudos na arqueologia que apresentam figuras gravadas nas cavernas de Lascaux, do homem pré-histórico dançando, e como só eram gravados o que o homem considerava importante é possível que estas figuras estejam ligadas á rituais religiosos, sendo correto afirmar que a dança pode ter nascido da religião, uma vez que a dança é fruto da necessidade de expressão do homem, a dança provavelmente veio como uma forma de agradar deuses ou exprimir alegrias por algo concedido.

Filósofos gregos como Platão e Sócrates consideravam a dança como algo que era parte da formação de um cidadão completo, dando proporções corretas ao corpo, fonte e boa saúde e sendo um momento e

reflexão estética e filosófica, uma vez que os gregos não separavam o corpo do espírito.

Braun e Saraiva (2000), acreditam que a dança e a Educação Física "têm em comum o movimento corporal humano" (p. 557) e para Gaspari (2005) tanto uma quanto a outra área "utilizam a expressão corporal como linguagem" (p. 11), ou seja, entende-se a dança como promotora de vivências que podem resultar no desenvolvimento da consciência corporal, ao utiliza-la como forma de linguagem, assim como a Educação Física.

Dessa forma, a dança é considerada um instrumento educacional funcional, pois a partir dessas interações permite ao aluno explorar a criatividade, auxiliando no reconhecimento de suas emoções, gerando uma certa liberdade e a imaginação.

A partir dos estudos sobre a Educação Física Escolar e suas unidades temáticas, identificamos que na BNCC seu foco principal está sistematizado nas perspectivas do movimento humano e da cultura corporal de movimento.

Bracht (2007, p. 45) explicita a relação entre cultura, corpo e movimento em que

o movimentar-se é entendido como forma de comunicação com o mundo que é constituinte e construtora de cultura, mas, também, possibilitada por ela. É uma linguagem, com especificidade, é claro, mas que, enquanto cultura habita o mundo do simbólico. A naturalização do objeto da EF, por outro lado, seja alocando-o no plano do biológico ou do psicológico, retira dele o caráter histórico e com isso sua marca social. Ora, o que qualifica o movimento enquanto humano é o sentido/significado do mover-se, sentido/significado mediado simbolicamente e que o coloca no plano da cultura.

A BNCC (2017) define as danças como uma unidade temática da Educação Física, a qual explora o conjunto das práticas corporais caracterizadas por movimentos rítmicos, organizados em passos e evoluções específicas, muitas vezes também integradas a coreografias, podendo ser realizadas de forma individual, em duplas ou em grupos e se desenvolvem em codificações particulares, historicamente constituídas, que permitem identificar movimentos e ritmos musicais peculiares associados a cada uma delas.

Para os anos finais do ensino fundamental, a BNCC (2017) propõe o ensino das danças urbanas e das danças de salão, em que objetiva-se

experimentar e fruir essas danças, identificando seus elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos), planejar e utilizar estratégias para aprender elementos constitutivos das danças urbanas e de salão, diferenciando-as das demais manifestações da dança, valorizando e respeitando os sentidos e significados atribuídos a eles por diferentes grupos sociais, discutindo estereótipos e preconceitos relativos às danças, e suas origens e transformações históricas.

Além dessas orientações, a BNCC (2017) apresenta algumas competências que devem ser desenvolvidas nas aulas de Educação Física e que devem ser abordadas em todos os conteúdos, inclusive na dança, ao longo do ensino fundamental, que são:

1. Compreender a origem da cultura corporal de movimento e seus vínculos com a organização da vida coletiva e individual.
2. Planejar e empregar estratégias para resolver desafios e aumentar as possibilidades de aprendizagem das práticas corporais, além de se envolver no processo de ampliação do acervo cultural nesse campo.
3. Considerar as práticas corporais como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais, e sua representação simbólica como forma de expressão dos sentidos, das emoções e das experiências do ser humano na vida social.
4. Refletir, criticamente, sobre as relações entre a realização das práticas corporais e os processos de saúde/doença, inclusive no contexto das atividades laborais.
5. Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética corporal, analisando, criticamente, os modelos disseminados na mídia e discutir posturas consumistas e preconceituosas.
6. Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreender seus efeitos e combater posicionamentos discriminatórios em relação às práticas corporais e aos seus participantes.
7. Interpretar e recriar os valores, sentidos e significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam.
8. Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos, com base na análise dos marcadores sociais de gênero, geração, padrões corporais, etnia, religião.
9. Usufruir das práticas corporais de forma autônoma para potencializar o envolvimento em contextos de lazer, ampliar as redes de sociabilidade e a promoção da saúde.
10. Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário.
11. Utilizar, desfrutar e apreciar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo. (BNCC, 2017, p.181).

Além dessas competências, a BNCC (2017) apresenta oito dimensões de conhecimento, as quais devem ser exploradas em todas as aulas de Educação Física, sendo:

- **Experimentação**, momento em que o estudante deve passar pela vivência corporal, pelo envolvimento corporal na realização das práticas corporais para originar conhecimentos;
- **Uso e apropriação**, nessa dimensão os estudantes possuem conhecimentos que possibilitam o uso de práticas corporais de maneira autônoma, não só nas aulas, como também para além delas em suas vidas;
- **Fruição**, qual implica na apreciação estética das experiências sensíveis geradas pelas vivências corporais, nessa dimensão se permite ao estudante desfrutar da realização de uma determinada prática corporal, seja sendo realizado por ele próprio ou por outra pessoa;
- **Reflexão sobre a ação**, aqui se reflete sobre os conhecimentos adquiridos por meio das observações e análises das vivências corporais, tratando-se de um ato intencional com certos objetivos;
- **Construção de valores**, dimensão vinculada aos conhecimentos voltados para as normas e valores que compõem a sociedade;
- **Análise**, dimensão associada ao entendimento das características e do funcionamento das práticas corporais, ou seja, saber sobre o que está praticando;
- **Compreensão**, também ligada ao conhecimento conceitual, mas diretamente relacionada a temas que permitem aos estudantes interpretar as manifestações da cultura corporal em todo o seu contexto;
- **Protagonismo Comunitário**, qual refere-se a reflexão dos estudantes sobre as possibilidades deles e da comunidade de acessar ou não à uma prática de acordo com o lugar em que vivem e os recursos disponíveis.

Essas dimensões são diferentes umas das outras, porém, não se sobrepõem uma as outras, não possuindo uma hierarquia ou ordem entre elas, já que estão integradas umas nas outras apesar de suas especificidades, todas são relevantes e em seu devido momento precisam ser tratadas no âmbito didático-pedagógico.

Proposta de ensino da Dança Urbana/Hip-Hop no contexto escolar

Ao considerarmos que a aprendizagem é o objetivo do desenvolvimento curricular (PALMA et al., 2008), e que o mesmo é composto por saberes escolares e disciplinares, o currículo deve estar articulado com o

projeto político pedagógico (PPP) da escola, o qual deverá ser coerente, articulado e integrado, de acordo com os modos de ser e de se desenvolver dos estudantes nos diferentes contextos sociais.

Dessa forma, a organização das aulas do conteúdo danças urbanas – Hip-Hop foi norteada a partir dos princípios orientadores para o ensino fundamental presentes na BNCC (2017), que também podem ser encontrados nas DCNs (2010) no Art. 6 como norteadores das políticas educativas e das ações pedagógicas, sendo eles:

I – Éticos: de justiça, solidariedade, liberdade e autonomia; de respeito à dignidade da pessoa humana e de compromisso com a promoção do bem de todos, contribuindo para combater e eliminar quaisquer manifestações de preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

II – Políticos: de reconhecimento dos direitos e deveres de cidadania, de respeito ao bem comum e à preservação do regime democrático e dos recursos ambientais; da busca da equidade no acesso à educação, à saúde, ao trabalho, aos bens culturais e outros benefícios; da exigência de diversidade de tratamento para assegurar a igualdade de direitos entre os alunos que apresentam diferentes necessidades; da redução da pobreza e das desigualdades sociais e regionais.

III – Estéticos: do cultivo da sensibilidade juntamente com o da racionalidade; do enriquecimento das formas de expressão e do exercício da criatividade; da valorização das diferentes manifestações culturais, especialmente a da cultura brasileira; da construção de identidades plurais e solidárias.

Além destes princípios, foram utilizadas informações encontradas no livro Educação Física e a organização curricular: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio (PALMA et al., 2008) sobre a organização e preparação de aulas, as quais serviram de base na construção dos procedimentos de ensino e aprendizagem, e foram considerados também os conhecimentos adquiridos ao longo do curso de graduação em Educação Física- Licenciatura da Universidade Estadual de Londrina.

Neste sentido, o quadro abaixo apresenta uma proposta de intervenção do conteúdo Hip Hop. Localizado no bloco de conhecimentos de expressão e ritmo, são apresentados os possíveis conteúdos a serem ensinados nas aulas de Educação Física Escolar e que vão de encontro com os objetivos propostos na terceira versão da BNCC sendo estes:

experimentar, fruir e recriar danças urbanas, identificando seus elementos constitutivos (ritmo, espaço, gestos). Planejar e

utilizar estratégias para aprender elementos constitutivos das danças urbanas. Diferenciar as danças urbanas das demais manifestações da dança, valorizando e respeitando os sentidos e significados atribuídos a eles por diferentes grupos sociais. (BNCC, 2017, p. 229).

Quadro 1 – Estruturação das aulas de dança

Bloco/eixo de conhecimento	Tema	Conteúdos/Assunto
Expressão e Ritmo.	Dança de Rua/Hip Hop.	<ul style="list-style-type: none">- Caracterização de dança de rua.- Origem étnica/história dança de rua, vestimentas da dança de rua.- Passos básicos da dança de rua/hip-hop.- Criação coreográfica.- Debate, criação e apresentação do grafite.- Análise crítica de uma música.- Trabalho avaliativo e avaliação das aulas.

FONTE: Palma, et al. (2008).

É importante salientar que este conteúdo na BNCC está orientado a ser ministrado nos 6ºs e 7ºs anos, pois os alunos já se encontram com maior capacidade de abstração e de compreender e realizar atividades mais complexas, o que permite maior aprofundamento e vivência sobre a temática, tornando possível o aprimorando das práticas docentes com maior rotatividade sobre as possíveis atividades a serem desenvolvidas.

Considerações finais

A BNCC (2017) orienta diversos profissionais no âmbito da educação, uma vez que é considerada referência nacional para a formulação dos currículos dos sistemas e das redes escolares dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e das propostas pedagógicas das instituições escolares.

É um documento que faz parte do Currículo e orienta a formulação do projeto Político-Pedagógico das escolas, permitindo maior articulação deste e que os professores continuem escolhendo os melhores caminhos de como ensinar, ou seja, apresenta objetivos de ensino e aprendizagem, competências

á serem desenvolvidas, dimensões de conhecimento e orientações, as quais nortearam esta pesquisa.

Sendo assim, a partir da análise documental da BNCC (2017) e da revisão bibliográfica acerca dos temas Hip-Hop e Educação Física, podemos concluir que a partir da disseminação do movimento cultural do Hip Hop, tornou-se imprescindível inclui-lo enquanto conteúdo a ser ministrado nas aulas de Educação Física.

Diante desse contexto, a BNCC (2017) apresenta orientações para o desenvolvimento deste conteúdo, as quais especificamente para a Dança são estruturadas de forma sistematizada e contínua, uma vez que é considerada um dos conteúdos da Educação Física que objetiva a promoção de experiências a fim de possibilitar a compreensão do movimento humano intencional.

Referências

BRACHT, V. A prática pedagógica da educação física: conhecimento e especificidade. In: BRACHT, V. **Educação física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. Ijuí: Unijuí, 2007.

BRACHT, V; GONZÁLEZ, F. J. Educação Física escolar. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.). **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. p. 150-157.

BRAUN, L. G.; SARAIVA, M.C. **Dança e Educação Física: Uma Visão de Acadêmicos do Curso de Educação Física da UFSC**. In: Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. Memórias e Descobrimientos, 7. Gramado. Anais... Gramado: UFRGS, 2000.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 07 dez. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular. Proposta preliminar**. Terceira versão revista. Brasília: MEC, 2017. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 28 abr. 2019.

COLOMBERO, R. M. M. P. **Danças Urbanas: uma história a ser narra-da**. FEUSP: 2011. Disponível em:

<http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda_2011_09.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2017.

GASPARI, T. C. **Educação Física Escolar e Dança**: uma proposta de intervenção. 2005. 168 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2005.

GROOVE, D. **Céu Casa Blanca**, SP, 12 de abr 2011. Entrevista.

PALMA et al. **Educação física e a organização curricular**. Londrina: EDUEL, 2008.

ROCHA, J. DOMENICH, M. CASSEANO, P. Hip Hop **A periferia grita São Paulo**, Perseu Abramo, 2001.

SOUZA, S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar**. In: I ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, IV JORNADA DE PRÁTICA DE ENSINO, XIII SEMANA DE PEDAGOGIA DA UEM: “INFANCIA E PRATICAS EDUCATIVAS”. Maringá, PR, 2007. Disponível em: <http://www.pec.uem.br/pec_uem/revistas/arqmudi/volume_11/suplemento_02/artigos/019.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2017

VALDERRAMAS, Caroline Guimarães Martins; HUNGER, Dagmar. **Origens históricas do Street Dance**. 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/Revista_Digital_-Buenos_Aires>. Acesso em: 3 mar. 2015.